



ípsilon

**O HIV,
a hepatite C
e o amor**

**Com o
vírus na
intimidade**

É Agora? Lembra-me,
de Joaquim Pinto: estreia
mundial no Festival de Locarno





RUI GAUDÊNCIO

“As pessoas continuam a viver como se isto não tivesse fim. Isto é limitado, não vale a pena perder tempo”

A intimidade num ecrã andava desaparecida... Reencontramo-la num filme enorme. Vinte anos com o HIV e com a hepatite C. Joaquim Pinto, Nuno Leonel. *E Agora? Lembra-me.* Uma história do amor, estreia na próxima semana no Festival de Locarno.

**Vasco
Câmara**



O mundo visto daqui, do miradouro do Picoto: a aldeia da Columbeira lá em baixo; castros e grutas arqueológicas a pontuarem em redor hipóteses sobre os primeiros homens; à esquerda, junto ao mar, Porto das Barcas, onde no final dos anos 80 ficou suspensa uma promessa para o cinema português; ao fundo Óbidos e, mais longe, como uma extensão deste mundo que se consegue avistar, fica Madrid. Como num filme de Minnelli, “*on a clear day you can see forever*”, e é muito o que se vê em *E Agora? Lembra-me*.

Joaquim Pinto, 56 anos, técnico de som, produtor de momentos áureos do cinema português, cineasta (*Uma Pedra no Bolso* e *Onde Bate o Sol* mergulham-nos na nostalgia pelo que não continuou...) está duplamente infectado há quase 20 anos com o HIV e com o vírus da hepatite C. A Columbeira é a aldeia para onde se retirou e de onde, apesar de ter uma empresa que aluga material técnico ao “meio” e apesar dos telefonemas que lhe vão dando notícias do “meio”, assiste ao cinema de fora – já não tem resistência física para aguentar uma rodagem. É ali que se deixa obcecar pelos (seus) vírus: quer saber tudo sobre a vida eufórica dos vírus e da sua interação com a vida – sem demonizar: um vírus, como aquele que lhe faz mal, é também responsável por tudo de frondoso que o rodeia; e permitiu-lhe separar o essencial do acessório e mandar para trás o que tinha como adquirido.

Foi da Columbeira que, durante um ano, com início em 21 de Novembro de 2011, viajou para Madrid para se submeter a tratamentos experimentais do vírus da Hepatite C – para o qual não existe vacina. Os tratamentos são prolongados, os efeitos secundários traumáticos e a taxa de sucesso limitada, sobretudo

para portadores de HIV. No seu caso, o vírus provocou uma hepatite crónica que evoluiu para cirrose.

Mas ali na Columbeira, em redor, há vestígios de um amanhecer humano. O que sinaliza, para Joaquim, um equilíbrio (que já foi) perdido. “Há o perigo de pensar que estamos no centro das coisas. E com isso estamos a fazer mal a nós próprios”, diz. Há em *E Agora? Lembra-me* a visão de algo que foi violado ou truncado – quando Joaquim diz “estamos todos infectados”, a metáfora quer-se literal e vice-versa. “Quando voltarmos ao pó, a vida respirará de alívio.” Por um pequeno segmento da História do Universo que se fechou.

“Antigamente mediam-se as coisas por milénios. Agora há uma aceleração, a degradação mede-se por décadas.” Atira a imagem de uma espécie a caminhar estonteada e inconsciente para se esborrachar de encontro a um vidro: nós. Em *background*, lutas que envolvem interesses económicos, governos, investigadores e indústria farmacêutica, “cientistas brincando aos deuses, efeitos especiais a preços de saldo”.

“As interações entre vírus e bactérias sempre existiram, mas há uma aceleração nestes processos. Todas as semanas há coisas a acontecer. Mas estamos todos cegos para as evidências – é como a violência na TV. As pessoas continuam a viver como se isto não tivesse fim, como se tudo isto não fosse contingente. Isto é limitado, não vale a pena perder tempo.” É vasto o que se vê em *E Agora? Lembra-me*, documentário que terá estreia mundial, em competição, no Festival de Locarno (dia 8), e que tem já agendadas exposições no QueerLisboa (20 a 28 de Setembro) e, em competição, no DocLisboa (24 de Outubro a 3 de Novembro).

Inundado de memória(s)

Em Madrid, os tratamentos deixaram-no *knock out*, com ligações ténues à realidade. Tinha de pensar antes de um movimento. Tinha de querer para querer. As dores tornaram maus os dias daquele ano que o filme documenta: uma começava na cabeça, dava a volta por trás e acabava num dedo, “como se tivesse sido desenhada a marcador”. Era preciso manter o optimismo, propunham os médicos. Joaquim responde com o riso da radiografia dos seus dentes devastados pelos efeitos secundários. E a memória várias vezes ausentou-se. Perdeu óculos, não encontrou chaves, deixou papéis espalhados pela casa para não se

esquecer, esqueceu-se das ideias que escreveu para não se esquecer.

Mas é um filme inundado de memória(s). Se nos lembrarmos de documentos terminais sobre como morrer com o vírus, *La Pudeur et L'Impudeur*, de Hervé Guibert (1992), *Blue*, de Derek Jarman (1993) ou *Silverlake Life: the View from Here*, de Tom Jushlin (1993), então este *the view from Columbeira*, a experiência de viver com o vírus, pode integrá-los no seu ADN, pode ter memória deles – Jushlin, Jarman e Guibert não podiam ter outros filmes e só tinham um presente irremediável que condicionava a memória do seu passado. Mesmo que seja exagerado

o entusiasmo de alguém como Alain Cavalier ao dizer que “os homossexuais são os pais do cinema na primeira pessoa. Por causa da urgência que sacode essas pessoas, devido à sida” (<http://blogues.publico.pt/camaraescura/2013/07/15/alain-cavalier-le-filmeur/>), a intimidade que se expôs naquele cinema ficou adormecida. O filme de Joaquim Pinto acorda-nos.

“Naquela altura a sida era sentença de morte. Não é mais, a questão agora é viver com o HIV. Por isso as pessoas arranjam soluções de compromisso. Ou não falam ou passam por cima. Há pessoas que têm a sua vida profissional e pessoal e isso pode causar dissabores. Eu não tenho

E agora? Lembra-me

Estreia mundial, em competição, no Festival de Locarno (dia 8), e exibição no QueerLisboa (20 a 28 de Setembro) e, em competição, no DocLisboa (24 de Outubro a 3 de Novembro)





nada a perder.” Por isso achou importante “partilhar este processo”.

Faz, em *E Agora? Lembra-me*, o seu “como cheguei aqui”: 25 de Abril de 1974 e os filmes proibidos pela censura em Lisboa, *Teorema*, de Pasolini num cinema que passava pornos, *Emmanuelle*, *Garganta Funda* ou *O Desprezo*, de Godard. (A evocação do encontro numa cafetaria da faculdade, na RDA, para onde partira com bolsa, com a jovem Angela Merkel, é um episódio que serve à leitura deste filme como erupção de intimidade em tempos em que ela está em perda no espaço público, todo ele fabricado pela “crise”).

Depois, 1979, ano em que as epidemias são declaradas extintas, e 1983, quando começam a aparecer notícias sobre uma doença que matava homossexuais. Em 1984 morre Michael Foucault. E em 1986 Joaquim começa a perder amigos: Copi, dramaturgo, Manfred Salzgeber, da secção Panorama do Festival de Berlim, Serge Daney, crítico... Em 1995, no final da rodagem de *Comédia de Deus*, de João César Monteiro, que ele produziu, “o colapso”. “Conheço os sintomas mas não faço logo o teste.” Em 1997, já com o diagnóstico de sida, acede às primeiras terapias antiretrovirais capazes de con-

“Se não fosse o Nuno, este filme não estaria aqui. Se não fosse o Nuno, eu não estaria aqui”

terem o HIV ainda em fase de testes clínicos.

Ao vasculhar no baú... as imagens e os cheiros da rodagem de *Uma Pedra No Bolso*, ali ao lado, em Porto das Barcas. Encontra-se, em *E Agora?*, o pudor que já estava nessa estreia. É uma questão de cineasta e de cinema, o pudor. Dar-se-á conta Joaquim de que essa história interrompida é objecto hoje da nostalgia? Nada a fazer: de um lado, houve desencanto; de outro, nunca ter pensado fazer filmes “como uma coisa neutra”.

“O trabalho não é uma coisa ▶



As muitas vidas de Paulo Rocha

Homenagem em Locarno, que exhibe em estreia mundial

Se Eu Fosse Ladrão... Roubava.

Por Luís Miguel Oliveira

Se *Eu Fosse Ladrão... Roubava*, o derradeiro filme de Paulo Rocha, vai conhecer a sua primeira apresentação mundial no Festival de Locarno. A estreia do *topus* de Rocha, que morreu em Dezembro, aos 77 anos, é um ponto alto do festival, e convém frisar que ela sucede no quadro duma homenagem ao cineasta português, que contempla ainda a projecção dos seus dois primeiros filmes, *Mudar de Vida* (1966) e *Os Verdes Anos* (1963), a primeira obra de Rocha e um título nuclear no lançamento do Cinema Novo português, que ali mesmo em Locarno alcançou, em 1964, uma primeira grande distinção internacional, com o prémio de Melhor Primeira Obra.

Se eu Fosse Ladrão... Roubava foi concebido como um projecto que implicava uma súpula, artística e biográfica. Talvez não fosse, nesse momento inicial, um projecto de “filme-testamento”, talvez Paulo Rocha não tenha pensado nele como a sua “última palavra”. Mas entre as dificuldades para concretizar o projecto, e os seus problemas de saúde, parece nítido que Rocha intuiu que este seria o seu último filme, deixou-o ensopar-se nesse prenúncio.

Ficou, de facto, como o testamento de Paulo Rocha, até numa perspectiva de “revisão” da sua obra, mas é igualmente um filme marcado pela morte. E quando chegam a última cena e as últimas imagens é difícil não pensar que era da sua própria morte que Rocha falava, e para que se preparava: dois vultos negros transportam um cadáver amortalhado através dum bosque, e a voz *off* sussurra qualquer coisa sobre “não ter medo”. É uma coisa poderosíssima e comoventíssima, e como fecho de obra só terá paralelo, no cinema português, com o plano final do *Vai e Vem* de João César Monteiro, outro filme “de despedida”, outro filme com uma dimensão *post-mortem*.

Mas não é só dele que Rocha fala. O fulcro narrativo encontra-se nas memórias do pai do realizador, que Paulo Rocha ficciona, em “fragmentos”, entre a infância e a partida para o Brasil. Uma história sobre um desejo de partir, de “mudar de vida”, em confronto com as pressões, familiares e atávicas, que prendem a concretização desse desejo – e que obviamente se liga, com semelhantes clareza e obscuridade, ao que se passa em tantos filmes de Rocha. Essa narrativa dá momentos belíssimos: a morte do pai do protagonista (portanto, do avô de Rocha), as cenas de conjunto com as três irmãs, ou uma formidável cena de música na praia, com Isabel Ruth num bailado, a um vermelhíssimo pôr do sol, que tem qualquer coisa (o bailado) de um exercício de movimentos de arte marcial. Mas o golpe de génio vem duma ideia de carácter “testamentário”: a revisão de inúmeros filmes de Rocha, através

Se eu Fosse Ladrão... Roubava foi concebido como uma súpula, artística e biográfica

O fulcro narrativo encontra-se nas memórias do pai do entre a infância e a partida para o Brasil

da montagem de excertos, alguns longos, que vêm ligar e ligar-se, ligar-se uns aos outros e ligar a própria narrativa à restante obra de Rocha, ligando-a por sua vez, de maneira mais enigmática ou mais evidente, à questão biográfica. É uma operação magistral de “ligação” – porque cada *raccord* faz acontecer sempre alguma coisa, mas mais ainda porque *Se eu Fosse Ladrão... Roubava* revê a obra de Rocha como um só longo filme, harmonioso mesmo nos choques e nas contradições. E não será um acaso que, do baile dos *Verdes Anos* às canções do *Rio do Ouro*, essa obra “revista” surja sob o signo da dança e da música, daquela sensualidade assombrada que já era a de Isabel Ruth no filme de 1963, e continua ser dela (a citada cena na praia) neste filme. É indubitavelmente uma obra muito, muito especial, a que a questão póstuma atribui um sentido abissal.

O filme de Rocha passa fora de competição. Também extra-competição encontramos duas curtas de João Pedro Rodrigues, *O Corpo de Afonso* e *Mahjong* (esta última em parceria com João Rui Guerra da Mata). O primeiro, resposta a uma encomenda de Guimarães 2012, é um peculiar “inquérito” sobre o aspecto e a envergadura do corpo do “fundador da nacionalidade”. João Pedro convoca registos e factos históricos relacionados com D. Afonso Henriques para se centrar no que é uma falsa sessão de *casting* com jovens galegos musculados e amantes do culturismo. O filme é uma provocação, divertida e *tongue in cheek*, mas, ao convocar a relação entre a Galiza e Portugal não deixa de cumprir, em ziguezague, a tarefa de reflectir sobre questões de “nacionalidade” e “identidade”. Já *Mahjong*, feito para o Estaleiro de Vila do Conde, retoma o “orientalismo” que tem marcado os filmes assinados a quatro mãos por João Pedro e João Rui (*China China*, *Alvorada Vermelha*, *A Última Vez que Vi Macau*), mas desta feita, e como em *China, China*, o “Oriente” está cá em Portugal: é um bairro vilacondense onde existe a suposta “maior Chinatown” do país. É um retrato do lugar, com *fil rouge* encontrado (como em *A Última Vez*) numa apropriação dos estereótipos do *film noir*, desta vez com *shoot out* no fim e tudo. E na secção competitiva será mostrada outra curta portuguesa, *Verdailles*, de Carlos Conceição. Aí reencontramos Isabel Ruth, na história, elíptica, plena de não-ditos e algo “escabrosa”, da relação de uma senhora com um adolescente, no cenário de um bosque à beira-mar.



técnica que tem de se fazer bem. Ou me sinto motivado ou não consigo – quando não encontrava uma razão para fazer o que estava a fazer enquanto técnico de som, entrava numa espécie de depressão. Sobre os meus filmes... não senti urgência. A determinada altura, quando comecei a produzir, senti que era mais interessante possibilitar que outros concretizassem coisas. E percebo que tenha ficado uma coisa em suspenso.”

É a caminho de Porto das Barcas que diz: “Se não fosse o Nuno, este filme não estaria aqui. Se não fosse o Nuno, eu não estaria aqui.” O Nuno é Nuno Leonel, colaborador e companheiro da vida de Joaquim desde 1996. Nesta fase ainda não está “aqui”, mas fará a sua aparição dentro de momentos. Quem aparece para já é João César. Isto porque ao falarmos de exposição íntima, de que Joaquim não tem medo, notámos que ela talvez seja coisa sem tradição nas imagens portuguesas. O mais longe que se foi antes? Talvez César e o seu alter-ego João de Deus. Mas era uma personagem – embora Monteiro a continuasse na “vida real”. (Joaquim lembra que César chegou a pensar em Roberto Benigni para *Recordações da Casa Amarela*; foi Otar Iosseliani que atirou: “Deixa-te de merdas, ninguém pode fa-

“As interações entre vírus e bactérias sempre existiram, mas há uma aceleração nestes processos. Todas as semanas há coisas a acontecer. Mas estamos todos cegos para as evidências — é como a violência na TV”

zer isto melhor do que tu.”) Fala-se de César porque essa relação “excitante, tumultuosa e complicada” ficará como fundadora para Joaquim. Ainda sobre cinema: conta como *Comédia de Deus* foi realizado, com o cineasta não em boas condições físicas e emocionais, ao contrário do que os mapas de trabalho ditam: podia-se estar três dias sem filmar, no quarto filmava-se de sol a sol. “Sempre me fizeram confusão os mapas de trabalho”, diz Joaquim.

E é então que Nuno aparece. No filme, Joaquim avisa: “Não penso que ficarão a conhecer o Nuno.” É verdade. Joaquim enuncia, e comprova-se ao vivo: uma “estranha capacidade para entender as plantas, falar com os animais, desconfia da linguagem”. A primeira sensação é essa, a de que Nuno desconfia. Ouviu a palavra “exposição”... “Concordo com a ocultação. Exposto estou desde o início. Com o passar da vida as pessoas vão-se cobrindo. Não gosto de ter coisas presas a mim, nem sequer conceitos e preconceitos.” Nuno, que também vive com os seus vírus, não queria participar no filme. Tinha outras prioridades. “Cuidar de nós. Preservar a vida.” Depois aceitou. “Para o filme poder existir. Para ele. No início ele estava sozinho.

Apontava para ele e apontava para mim.” Há planos que Joaquim não se lembra de terem sido filmados (pelo Nuno), tal era o seu estado catatónico.

“Não olhamos da mesma forma”, começa por dizer Joaquim. Separados, por exemplo, o facto de para Joaquim a ideia de cinema ser “pegar no que existe e com isso construir qualquer coisa”, surpreender-se com o que não viu mas que o acto de filmar tornou perceptível. Qualquer coisa da ordem da revelação. Tem dificuldade em aceitar a criação a partir do zero, o que, na sua opinião, é mais de Nuno Leonel, que vem da animação. “Mas estamos em sintonia. Há coisas do filme que não consigo dizer quem é que filmou. E nem da minha parte nem da parte dele havia uma ideia consciente de enquadramentos para veicular uma ideia. Foi algo que passou por uma escolha entre o que víamos e ouvíamos, mais do que por haver uma vontade expressa de fazer assim ou assado.”

Alguns dos planos mais misteriosos – talvez aquele com o Cristo – são de Nuno. Qualquer coisa da ordem da assombração. “Não tinha um propósito”, diz Nuno. A não ser continuar uma luta de ideias com Joaquim, sobre Cristo, Deus, a crença. Nuno é crente, mas não religioso,

Cristo basta-lhe. Joaquim diz que ele sabe a Bíblia de cor. “Todo este processo aproximou-nos. Ao contrário de outras relações que vão em crescendo, a nossa não”, diz Nuno. *E Agora?* é um diálogo silencioso entre os dois, prolongando as conversas que mantêm ao vivo. Para Joaquim foi uma iniciação. Não é que tenha partido do ponto de cepticismo; mas percebeu, sobre a palavra de Cristo, que “para além daquilo que nos é transmitido, e tendo em conta os erros de tradução e de transmissão ao longo dos séculos, há qualquer coisa que passa; que há uma espécie de conjugação entre a informação, a forma e o ritmo; que é a própria experiência de aceder, como se de uma obra musical se tratasse, e que nos atinge directamente”.

Atinge-nos o sorriso de Nuno, que, desconfiando da linguagem, é um amoroso do trabalho e dos gestos – e um conquistador-nato. Confessa-se com vocação para a dispersão: DJ, músico, realizador de animação, mergulhador, bombeiro, agora agricultor... ou um espírito da floresta de um Éden formado por ele próprio, Joaquim e aqueles que os mantêm mais “fortes e resistentes”, os cães Rufus, Zorra, Bambi e Cookie, ali deitados junto ao lado.